

(DES)CAMINHOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA

Ana Paula Moreira
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – câmpus Cornélio Procópio
ana_moreira@live.com

Carine Gonçalves da Silva
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – câmpus Cornélio Procópio
cari.gs@hotmail.com

Luciene Aparecida de Oliveira Campos
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – câmpus Cornélio Procópio
luciene.oliveiracampos@hotmail.com

Rafael Gustavo Rospirski
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – câmpus Cornélio Procópio
rafaelrospirski@gmail.com

Línlya Sachs
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – câmpus Cornélio Procópio
linlyasachs@yahoo.com.br

Mirian Maria Andrade
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – câmpus Cornélio Procópio
andrade.mirian@gmail.com

Resumo:

Explicitar, em narrativas autobiográficas de histórias de vida, os (des)caminhos que levam quatro jovens a se tornarem licenciandos em Matemática, especificamente, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, câmpus Cornélio Procópio, é o objetivo deste texto. Este trabalho foi realizado como parte das atividades do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. Inspirados na História Oral como metodologia, Ana Paula, Carine, Luciene e Rafael tratam de suas respectivas trajetórias e de desvios, de vidas e de suas trilhas, de escolhas. Essas histórias de vida nos permitem compreender como esses (des)caminhos os trazem ao curso de Licenciatura, quando a princípio, nenhum deles opta pela docência como profissão e, mais que isso, nos permitem compreender a chegada e a permanência deles neste curso, as influências que protagonizaram esse encontro.

Palavras-chave: História Oral. Histórias de Vida. Formação de Professores. PIBID.

(Des)caminhos

É a curiosidade – em todo caso, a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o *descaminho* daquele que conhece? (FOUCAULT, 1998, p. 13, grifo nosso).

Este texto trata de caminhos e de descaminhos – por isso, (des)caminhos. Por um lado, falamos de trajetórias e de desvios, de vidas e de suas trilhas, de escolhas. Por outro lado, de saberes e (outros) saberes, de mudanças, como continua Foucault (1998, p. 13): “existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir”.

Assim, o objetivo deste artigo é explicitar, em narrativas autobiográficas de histórias de vida, os (des)caminhos que levam quatro jovens a se tornarem licenciandos em Matemática, especificamente, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, câmpus Cornélio Procópio.

Histórias de vida

Situamos as narrativas autobiográficas de histórias de vida como pesquisas em História Oral “interessadas em perspectivas vivenciais amplas, num conjunto de experiências de vida relatadas por determinados atores sociais” (GARNICA, 2011, p. 7).

Os atores aqui presentes são licenciandos em Matemática, que, por meio de um exercício de escrita, compõem narrativas de suas próprias histórias de vida, evidenciando como se tornam os licenciandos que são. Esses textos constituem fontes históricas, como afirma Garnica (2011, p. 2):

Nos trabalhos que mobilizam a História Oral, alguns parâmetros específicos são seguidos, e tais parâmetros são, basicamente, a série de procedimentos que cuida da constituição das fontes, aliada a uma fundamentação específica desses procedimentos. Onde e como, então – pode-se perguntar – a História participa disso? A História – lendo-se aqui História como Historiografia, o processo de escrever, de registrar a historicidade do mundo, o estudo da duração – participa desse processo dada a intenção clara e explícita que o oralista tem, qual seja, registrar memórias e, a partir delas, intencionalmente, constituir fontes históricas.

A História Oral “se afinou a vertentes como a da história do tempo presente, a história vista de baixo, a história popular. Muitas vezes entendida como uma história democrática, ou democratizante, a história oral se tornou instrumento de uma ‘contra-história’” (SANTHAGO; MAGALHÃES, 2015, p. 25).

Nesse sentido, constituímos fontes históricas com histórias de vida de pessoas comuns, que não foram escolhidas por se destacarem em um ou outro aspecto, por se distinguirem dos demais; nosso propósito, de “contra-história”, é o inverso disso.

Professores de matemática há aos montes por aí. Quais deles conhecemos, de fato? De quais deles sabemos as razões das escolhas que fizeram e os levaram a serem professores? Em geral, aqueles que estão muito próximos a nós e com os quais desenvolvemos uma relação de intimidade – familiares, amigos – ou aqueles que têm suas vidas retratadas na mídia – aquele que ganhou uma medalha importante, aquele que, em condições muitíssimo adversas, consegue que seus alunos obtenham algum êxito importante em competições. Não vamos muito além disso. O professor que nos acompanhou por anos, enquanto éramos estudantes, o professor que “tapou buraco” por alguns meses apenas, o professor, nosso colega de trabalho, o professor supervisor de estágio, o professor em formação... conhecemos as histórias de vida deles?

Baseamo-nos na pesquisa desenvolvida por Rolkouski (2006) para

[...] compreender como um professor de Matemática torna-se “o” professor que é. Ou seja, compreender como o indivíduo vai se tornando, ao longo de sua vida, através de suas vivências, de sua relação com outros indivíduos, de sua relação com o contexto que o cerca, este professor de Matemática, com estas idéias, práticas e resistências (ROLKOUSKI, 2006, p. 169).

Mas, diferentemente dele, neste artigo não trazemos narrativas provenientes de entrevistas; são narrativas autobiográficas, em que os licenciandos dizem sobre suas vivências, sobre suas relações com os outros e com o contexto, explicitando como ele se torna o licenciando que é.

Vidas

Como parte de um processo de conhecer *como professores de matemática se tornam os professores que são*, os bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)¹ fizeram um exercício de escrever suas próprias histórias de vida, explicitando *como se tornam os licenciandos que são*.

Neste artigo, apresentamos os textos produzidos por quatro bolsistas. Mantivemos a originalidade dessas narrativas, produzidas por eles. Optamos, ainda, por identificarmos, pautados na História Oral, quem são essas pessoas.

¹ O PIBID, no curso de Licenciatura em Matemática, neste câmpus, se estrutura do seguinte modo: os coordenadores do projeto convidam alguns professores do curso de Licenciatura em Matemática para orientar duplas de bolsistas em atividades teóricas. Essa atividade, que aqui apresentamos, ocorreu e ocorre nesse espaço de orientação, realizada por duas professoras do curso que colaboram com essa dinâmica do projeto. É importante, ressaltar, portanto, que não alcança todos os bolsistas do PIBID, apenas os que participam deste grupo específico.

1. Ana Paula

O primeiro texto que apresentamos é da história de vida de **Ana Paula Moreira**. Sua criação se deu utilizando o “Soneto de Fidelidade”, do poeta Vinícius de Moraes (trechos sublinhados), delineando toda a trajetória da licencianda junto aos versos².

De tudo ao meu amor serei atento. Amor que traz na significância do sobrenome amoreira. Nasci, ou melhor, abrihantei feito fogueira no mês de junho, na cidade de Assis³. Meu nome Ana, pequeno e cheia de graça. Segunda filha de pais paranaenses. Que me educaram e cuidaram. Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto. Minha infância e parte da juventude morei em sítios ou colônias na região de Assis, como o Mussi, Guaritá, Santa Terezinha e Industrial. Estas duas últimas eram em uma Usina, na qual havia uma escolinha. Que mesmo em face do maior encanto, poderia passar os dias a puxar cabelos de boneca, mas não: embirrava e seguia a professora Luzia que subia a colônia com as crianças e eu, que nem tinha idade. Logo depois, comecei a estudar na cidade morando ainda na colônia. Escola EMEFEI José Ozório de Oliveira, onde fiz amizades que carrego até hoje, lá me formei no jardim três com a professora Alessandra. Em 1999, me entregou o meu diploma em tubo vermelho e que dele se encante mais meu pensamento. Prosseguir a estudar com as professoras Camen Marlene, Cida e Renata. Permaneci até a metade da quarta série, fui para a EMEFEI Gilberto Lex, pois tinha que estudar de manhã, devido à entrada no Coral, quando decidi: “Quero vivê-lo em cada vão momento”, E em seu louvor hei de espalhar meu canto, com Aleluia de Handel até o samba do Ernesto de Ari Barroso. Era soprano, entrei por insistência, não fiz teste, era a menorzinha, acredito que de lá veio um pouco desta bagagem cultural que carrego. Antes da mudança, chorei prantos nos braços de minha antiga professora, mas eu amava o coral e era só meio (infinito) ano. Tive de rir meu riso e derramar meu pranto. Havia duas turmas, e eu tinha a impressão que eram separados os inteligentes dos não inteligentes, me sentia um peixe fora d’água, queria sumir de lá, aquela escola não tinha a minha cara, mas era uma opção para viver as palavras do poeta: “Ao seu pesar ou seu contentamento”. Fui para a quinta série na escola Vila do Lago, onde estudei até a oitava série. No final de minha quinta série, minha mãe colocou meu irmão e eu no Kumon⁴, onde fiz o curso todo, durante 7 anos. A menina que “malemá” sabia a tabuada acelerou o raciocínio, decorou a tabuada, manjou das frações, equações, derivadas, integrais, e ganhou uma placa dourada. E assim, quando mais tarde me procurei, me encontrei entre os números. Na oitava série, fiz o vestibulinho⁵ para entrar em uma escola técnica estadual. Quem sabe a morte, angústia de quem vive, quem sabe o resultado, fim de Vestibulinho. Vivi os três anos do ensino médio lá e havia professores extraordinários (nem todos). Mas havia, dentre eles, a figura mais famosa, highlander e enigmática que os etequianos⁶ já conheceram ou ouviram a lenda: o professor Orlando de Freitas, um senhor alto de barriga redonda e voz grave. Quando a turma começava o alvoroço, ele olhava para sala e falava com seu olhar por cima dos óculos: “mas será o capeta?”. Ah, este era o meu professor de matemática! Poderia dizer que ele era um professor tradicional diferentão. Começaram os vestibulares: meu maior desejo uma universidade pública. Na UEM⁷ prestei Economia, um vestibular que veio de duas pernas no meu peito. Também me inscrevi na UEL⁸, em Economia e em Psicologia. Mas coincidiu com o vestibular da UNESP⁹. Optei por este ao invés

² As notas de rodapé não são originais das narrativas autobiográficas. Elas foram inseridas, posteriormente, para esclarecer o leitor sobre informações que aparecem nos textos.

³ Município do Estado de São Paulo, distante 434 km da capital estadual.

⁴ O Kumon é uma metodologia que visa incentivar na criança a autonomia nos estudos, buscando fortalecer o potencial de aprendizado de cada um (informações retiradas do site www.kumon.com.br, em 17/04/2017).

⁵ Exame de seleção para ingresso em escolas técnicas e algumas escolas de Ensino Médio.

⁶ Referindo-se aos estudantes da ETEC – escolas técnicas do Estado de São Paulo.

⁷ Universidade Estadual de Maringá.

⁸ Universidade Estadual de Londrina.

⁹ Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho.

daquele. Na época, era concorrido, não consegui. Comecei o cursinho, me inscrevi no SISU¹⁰ em uma universidade perto de casa, nos cursos de Matemática e Moda. Eu queria Moda, mas a sobrevivência e o sucesso seriam SORTE... quem sabe um dia. Chegou uma mensagem no meu celular, avisando que tinha sido aprovada. Em Matemática. Antes de entrar, fui funcionária pública, no setor da saúde. Trabalhava na recepção, no agendamento de consultas médicas. Tinha muitas buchas e barracos, mas eu adorava trabalhar lá. Conheci a maioria dos velhos da cidadezinha de Tarumã¹¹. Saí de lá pois era seleção. Havia passado num concurso, que trabalhei por pouco tempo, no setor de recursos humanos. Saí, pois além de não gostar de ficar tão sozinha lá, logo, Quem sabe a solidão, fim de quem ama a matemática. Tive que tomar decisões e comecei a sofrer: chorava sem motivo, tinha muitas enxaquecas, exonerei. Mas... foi tanta emoção quando eu passei, corri atrás da papelada, vim, achei lindo, tudo lindo, mas, afinal, ia ser professora? Eu não queria. Com o passar das aulas, fui conhecendo alguns professores. E eu, Eu possa me dizer do amor (que tive): Joselene, que contava suas experiências na educação básica. Eu lembro das palavras dela e sentimento que ela expressava de amor por encarar desafios, turmas atentadas, alunos introvertidos, realidades, não tão somente isso, mas a força em querer nos empurrar para frente quando estávamos para baixo e mostrar a maravilha da matemática, estas e suas faces, Que não seja/é imortal, posto que é chama. Depois, as experiências de estágios e do PIBID, em turmas que levarei no meu coração. Mas pera aí: tu vais querer encarar aquelas salas lá? Hoje quero, mas não nesse verbo “encarar”, porque se encarar, eles fogem. Quero acolher, ensinar e aprender. Do meu jeito, que virou um jeito advindos de outros jeitos e se singularizou. Mas que seja infinito enquanto dure.

2. Carine

Seguimos com o texto produzido por **Carine Gonçalves da Silva**, com sua história de vida.

Sábado, 20 de julho de 1991. Era para ser apenas mais uma noite fria de inverno, mas José estava aflito, andava de um lado para outro no pequeno hospital da cidadezinha de Uraí¹², enquanto sua esposa Nair se preparava para o parto. Em pouco tempo, estariam com a tão desejada filha nos braços. Apesar de feliz, José não conseguia esconder o medo que começava a consumi-lo, ele já estivera ali, outrora, vivenciando a mesma espera, mas sua filha morreria logo após o parto. Dessa vez, haveria de ser diferente. E foi. A notícia da chegada da filha Carine ao mundo encheu de alegria a família, que agora se considerava completa.

O tempo passava e Carine crescia ao lado de seus pais e irmãos. Moravam em um sítio bastante afastado da cidade. Uma infância simples, tranquila e muito feliz. Seu primeiro contato com a escola se deu aos 8 anos de idade, no então Educandário Divina Pastora (coleginho), uma escola particular tradicionalmente católica, assim como era sua família. Lá ficou até concluir a 8^o série do Ensino Fundamental. Foram anos muito felizes, marcados por muitas descobertas. Carine era aluna exemplar, se destacava por seu bom desempenho em todas as matérias, exceto educação física. Já no Ensino Médio, Carine manteve sua postura de boa aluna e continuou a se destacar. Estudou no Colégio Estadual Professora Regina Tokano e lá conheceu um pouco da realidade do ensino público e fez novos amigos. Conseguiu passar em seu primeiro vestibular antes mesmo do fim do Ensino Médio. Escolheu Administração de Empresas, na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), em Cornélio Procopio¹³, embora seu sonho fosse cursar Direito, em uma universidade pública. Cursou por pouco mais de um ano Administração de Empresas na UENP, o curso não agradava e foi trancado por algum tempo.

¹⁰ Sistema de Seleção Unificada.

¹¹ Tarumã é um município do estado de São Paulo, emancipado de Assis na década de 1990, distante 460 km da capital estadual.

¹² Município da região Norte do Estado do Paraná, distante 414 km da capital Curitiba.

¹³ Município da região Norte do Estado do Paraná, distante 397 km da capital Curitiba.

Carine era uma jovem tranquila, estudiosa e bastante quieta. Começou a namorar aos 18 anos, época em que saiu do sítio e foi morar na cidade, e não gostava muito de festas, mas apreciava rodeios e modas de viola. Foi mãe aos 19 anos do pequeno Miguel e, desde então, segue conciliando suas atribuições de jovem, mãe e estudante. Em 2012, optou por encerrar seu vínculo com a UENP e iniciar seus estudos no curso de Licenciatura em Matemática na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, onde está até então. Optou pelo curso por gostar de matemática e admirar a docência, pela proximidade com a universidade, bem como a qualidade da formação ofertada pela mesma.

3. Luciene

O terceiro texto é a história de vida de **Luciene Aparecida de Oliveira Campos**, que optou por escrevê-lo como uma “conversa” com seu diário.

*Querido Diário,
Hoje você ganhou uma nova amiga e com você vou compartilhar todos os meus momentos bons ou ruins... Mas, antes, vou contar um pouco de onde tudo começou...
Juntamente com fogos de 12h00, no dia 12 de outubro 1996, eu nasci. Era um dia muito especial na cidade de Assis, comemoração ao dia das crianças e à Nossa Senhora de Aparecida – por isso do meu segundo nome. Chamo-me Luciene Aparecida de Oliveira Campos, venho de uma família humilde, que sempre morou aqui no interior de São Paulo, na cidade de Tarumã. Minha infância não foi muito fácil, meus pais se separaram assim que nasci. Então, minha mãe me criou praticamente sozinha, trabalhando dia e noite muitas vezes, mas isso não impediu que ela sempre me incentivasse na vida.
Lembro-me que eu sempre fui uma criança que gostava de aprender e de ajudar meus amigos quando terminava a tarefa e, principalmente, ajudar a professora com o mimeógrafo (lembro-me do cheiro da folha até hoje). Tenho comigo a lembrança de todas as professoras, escolas e amigos que conheci. A primeira escola que estudei foi na “EMEFEI José Ozório de Oliveira”, fiz o primário lá. Lembro-me muito da Prof. Alessandra, ela era como uma mãe para seus alunos. Estudava junto com minha prima e praticamente morava com ela, pois era minha tia que cuidava de mim para minha mãe poder trabalhar. Porém, tive que trocar de escola quando iniciei o Fundamental I: fui para a “EMEFEI José Rodrigues dos Santos”. Então, era “eu por si”, cuidava da casa e ia para a escola. As professoras Márcia, Neide e Beth foram fundamentais na minha formação. A Márcia que me ensinou a ler e a escrever, então, na minha 1ª série, eu já conseguia ajudar outras crianças. Tenho uma lembrança forte de dois amigos que tinham necessidades especiais. Até o 5º ano, eu sentava com os dois para ajudá-los nas atividades e minhas professoras sempre falavam “olha a professorinha”. Eu sentia a gratidão que meus amigos tinham por mim. Nessa escola, sempre tinham peças de teatros, concursos de multimídia e eu sempre dava um jeitinho de estar envolvida e tentar participar, sabia que algum dia aquele lugar ia deixar saudades.
Na minha juventude, sempre tive responsabilidade sobre a casa e meus irmãos, e só aumentou mais ainda com o passar do tempo. Lembro-me que eu e minha mãe fazíamos uma troca: eu cumpria minhas responsabilidades em casa e, em troca, eu fazia cursos... Sei que já fiz: auxiliar administrativo, informática, fotografia, pintura e artesanato, iniciei um curso de línguas e vários outros (eu só queria aprender e aprender sobre várias coisas).
O meu Ensino Fundamental II e Médio cursei na mesma escola “E.E David José Luz”, um lugar onde eu cresci muito, cheio de lembranças... Lembro que as aulas eram bem tradicionais e quase não havia professores concursados, a falta era constante de professores em várias disciplinas e, principalmente, em matemática. Quando faltava professor na minha sala, a diretora chamava uma amiga Beatriz e eu, e pedia para sermos responsáveis pela sala. Então, eles davam o livro e éramos nós que passávamos as atividades. Fora quando não pediam para professor de outra disciplina ir dar outra matéria. Era uma confusão! Mas não era de má fé. Realmente, a escola era bem humilde e faltava desde professores a recursos. Na 7ª série, eu ganhei uma eleição de Vereadora Jovem, organizada pela prefeitura aqui da cidade. Então, representei por 1 ano os jovens da cidade, junto*

com outros 3 amigos. Isso foi bom, mas também gerou problemas. Sofri muito bullying por sempre tentar estudar bastante e ter ganhado essa eleição (e, também, porque adorava jogar futebol). Então, eu faltava das aulas e ficava escondida na biblioteca municipal estudando. Foi uma fase difícil, mas superei. Já no meu Ensino Médio, as coisas começaram a melhorar, não tínhamos professores de Português e Matemática fixos ainda, mas me lembro bem de um professor chamado João Rafael, que ajudou muito nossa turma em matemática. Ele dava aula na ETEC, então, a maneira de ele lecionar era bem diferente dos professores que havíamos conhecido. A melhor fase mesmo foi no 3º ano, em que conheci a professora Juliana Zana, de Matemática. Ela me influenciou muito na escolha do curso, falava que acreditava em mim como professora de Matemática, eu a ajudava nas aulas de reforço oferecidas na escola, mas eu não tinha aprovação de mais ninguém. Eu e mais dois amigos sempre “viajávamos” nas aulas de Física, até que nosso professor decidiu nos inscrever na Olimpíada Brasileira de Robótica, em São Carlos¹⁴. Foi um dos momentos mais marcantes da minha vida! Não ganhamos a competição, mas vai ficar comigo para sempre a experiência e foi uma das coisas que me influenciou mais ainda a seguir na área das exatas.

A fase de transição mais difícil para mim foi entre o Ensino Médio e o Ensino Superior, um dos momentos que tive que tomar duras decisões... Recordo-me que precisei fazer bicos para pagar os vestibulares. Antes mesmo de terminar o Ensino Médio, eu já trabalhava no comércio com receio de que, se não passasse em lugar algum, pagaria uma faculdade. Pois bem, eu sempre gostei de matemática (além de gostar, eu queria encontrar um jeito de chamar a atenção do meu pai para ele me notar, já que matemática era a matéria preferida dele na escola, pelo que ouvi falar), robótica e tive uma forte influência também por parte familiar em fazer Fisioterapia, por conta de o meu irmão ter paralisia cerebral. E agora, José? Matemática era uma das minhas opções, mas a única faculdade que ofertava o curso por perto era particular e nunca formava turma. Então, decidi prestar vestibular na UNIP¹⁵ para Engenharia de Controle e Automação, na esperança de que, se fosse bem no ENEM¹⁶, conseguiria o Prouni¹⁷ e tentaria também fisioterapia ali na UNIP, dependendo da nota de corte. Como a UENP de Cornélio ofertava o curso de Licenciatura em Matemática, me inscrevi para o vestibular e coloquei como opção ser selecionada pela nota do ENEM também. Os planos estavam feitos, agora era esperar. Então foi aí que começou a fase mais difícil. Minha tia faleceu no dia do vestibular da UENP. Quando abriu o Prouni, eu consegui somente me inscrever para Fisioterapia e consegui uma bolsa integral. Mas, ao ir fazer minha matrícula, não havia formado turma e perdi minha bolsa. Nisso, eu já havia cancelado a minha matrícula para Automação por conta dessa conquista. E agora, José (2)? Quando começou o SISU, eu conheci o curso de Licenciatura em Matemática da UTFPR, por uma amiga que iria se inscrever para Análise, eu não estava confiante, a concorrência era alta, mas, mesmo assim, me inscrevi. Dia vai, dia vem, tive dengue, fiquei internada e, lá no hospital, mexendo no site da UENP, por um acaso, vi que passei em 1º lugar no vestibular, por conta da nota do ENEM. Mas as inscrições já haviam se encerrado há três dias. Fui lá mesmo assim tentar recorrer, fiz uma carta para Jacarezinho¹⁸, justificando que estava doente. E adivinha? Foi negado. Então, eu fiquei muito frustrada, nada estava dando certo, mas ainda eu tinha uma esperança. Até que depois de um tempo, fui convocada na chamada nominal da UTFPR e consegui ingressar no curso de Licenciatura em Matemática, eu estava muito feliz! De particular a pública, a uma Federal. Sem dúvidas, uma conquista imensa.

Quando comecei o curso de Licenciatura, eu passei por uma prova muito grande. Minha mãe foi diagnosticada com câncer e estava bem doente... Então, eu tentei me empenhar ao máximo em conciliar a faculdade e cuidar da minha mãe. Foram longos os tempos, eu não sabia mais se conseguiria prosseguir no curso, já havia reprovado em duas matérias, o que me desanimou mais ainda, eu já estava a ponto de desistir. Até que um belo dia, recebi a notícia que minha mãe estava

¹⁴ Município do Estado de São Paulo, distante 238 km da capital paulista e 360 km da cidade de Tarumã.

¹⁵ Universidade Paulista.

¹⁶ Exame Nacional do Ensino Médio.

¹⁷ Programa do Ministério da Educação que concede bolsas de estudos, integrais e parciais.

¹⁸ Referindo-se a cidade em que está alocada a sede da Universidade do Estado do Norte Pioneiro do Paraná. Como instituição *multicampi*, tem câmpus nas cidades de Jacarezinho (386 km distante da capital Curitiba), Bandeirantes (distante 410 km da capital estadual) e Cornélio Procópio (distante 397 km da capital paranaense), todas situadas no norte pioneiro do estado.

curada e isso foi um alívio para mim. Eu sabia que Deus não havia me colocado sob provas se eu não fosse capaz de lutar. E, hoje, estou aqui firme e forte no curso, cercada de pessoas que estão me ajudando, desde companheiro, amigos e família. Lutando, mas aprendendo. E, depois que comecei o projeto do PIBID, só tive mais certeza de que estou fazendo o que tinha que fazer e não me arrependo. Sei que, às vezes, nem tudo é como a gente quer; é como tem que ser. Por isso, termino com um trecho que acredito que diz muito sobre mim...

*“A gente não pode ter tudo.
Qual seria a graça do mundo se fosse assim?
Por isso eu prefiro sorrisos
E os presentes que a vida trouxe para perto de mim”.*

Boa noite, meu amigo diário.

4. Rafael

Por fim, apresentamos a história de vida do licenciando **Rafael Gustavo Rospirski**.

Meu nome é Rafael Gustavo Rospirski, caçula de um irmão, nasci na Santa Casa de Foz do Iguaçu¹⁹, no Oeste do Paraná.

Meu pai se chamava Sérgio, foi um empreendedor local e atuava como administrador de uma madeireira própria; Zilda era o nome de minha mãe, sua história de formação se encerra na universidade, onde não completou a graduação; ambos participavam ativamente de grupos catolicistas. Tive uma infância em que exigiam obediência munida de respeito, principalmente aos mais velhos, meus dias eram livres enquanto eu não estivesse nas atividades semanais.

Lembro-me bem do meu primeiro contato escolar, foi no Colégio Vicentino São José, uma escola de valores católicos e muita compaixão. Eu tinha 5 anos de idade e estava entrando em uma sala com uma enorme diversidade de crianças, o primeiro sentimento foi o pânico, em seguida o choro; após realizar meu papel de aluno chorão em meu primeiro dia, ocupei uma boa parte da manhã da professora com perguntas e mais perguntas, recordo de encerrar a aula conversando com duas crianças, com as quais criei um laço de amizade que durou até o fim da minha estadia na escola.

Aos meus 11 anos de idade, meu pai adoeceu e veio a falecer, assim, a família perdeu um pilar de sustentação. Neste período difícil, a família reforçou os laços e minha mãe se esforçou ao máximo para nunca nos deixar estagnar e sempre proporcionar valores familiares. Meu irmão nunca foi o prodígio nos estudos, sempre muito crítico e rebelde, o seu comportamento não combinava com o ambiente escolar, o desinteresse era evidente e toda a família entendia e dialogava sobre isso. Tais fatores e seus interesses pessoais acabaram induzindo inevitavelmente sua entrada no mercado de trabalho aos 16 anos, o que foi muito salvasguarda.

Estávamos readaptados. Como todos tinham uma função sustentável, as coisas fluíam de maneira natural, por mais que, em função das mudanças ocorridas nesse período, minha permanência não fosse mais possível no Colégio Vicentino, encarei a entrada no Colégio Estadual com satisfação, tive experiências ótimas. Contudo, a adaptação não foi um processo simples, partiu de um conjunto de processos que eu não tinha preparação para lidar, estava vivenciando modos educacionais diferentes.

2011, Hospital Municipal Padre Germano Lauck, minha mãe estava internada depois de alguns delírios; ao sofrer algumas séries de afobações seguidas de sedativos, seu pulmão simplesmente para, ela foi conduzida a ter uma parada cardiorrespiratória indiretamente, e a situação acabou por retirar mais uma base estrutural da minha vida. Então, a primeira atitude foi forjar com aço a união entre meu irmão e eu.

Após o falecimento da minha mãe, meu irmão e eu fomos morar com minha avó. Esse período foi meio conturbado, pois a relação com minha avó era difícil, devido aos constantes

¹⁹ Município do Estado do Paraná, distante 636 km da capital Curitiba.

confrontos de ideias. Quando eu tinha 16 anos, consegui, junto ao meu irmão, com 22 anos, reestabelecer nossa moradia independente. Meu irmão estava ainda mais distante dos estudos e eu me relacionava com a Universidade Estadual do Oeste do Paraná²⁰ em um serviço de estágio no setor bibliotecário, enquanto crescia a expectativa das pessoas à minha volta quanto à minha escolarização, porém, na época, eu não ligava muito para isso. Infelizmente, a Escola Estadual, na prática, não saciava minha necessidade de realização, fui um aluno frustrado, o que eu achava necessário não estava presente em sala de aula, foi em momentos específicos da minha formação que me deparei com profissionais que proporcionaram um papel de ídolo com a possível luz-guia, por meio de conselhos e auxílios me senti realmente acolhido e minha primeira inspiração a prosseguir com o atual curso de licenciatura partiu do relacionamento que acabei construindo com esta pequena comunidade de servidores do Colégio Estadual Monsenhor Guilherme.

A época do pré-vestibular foi complicada, eu transferei minha matrícula para a Escola Estadual central em Foz do Iguaçu com o objetivo de me preparar melhor, já havia encerrado o estágio e minha condição social, por mais que já houvesse tempos melhores, estava gradualmente melhorando. Ao chegar nas provas do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), as tensões em casa aumentaram e algumas complicações me prejudicaram psicologicamente a ponto de perder o interesse pelo colégio e, por consequência, repetir o último ano do ensino médio, sendo obrigado a esperar mais um ano para ingressar na Universidade. Foi neste período que iniciou meu relacionamento com a Nathiely, uma garota dois anos mais nova que frequentava o segundo ano do ensino médio no IFPR²¹.

No ano seguinte, me encontrei novamente num período de preparação para o vestibular e acabei me aproximando de uma tia (divorciada do meu tio de sangue), resgatando o contato familiar materno. A minha relação construída com o meu primo mediou a aproximação. Enquanto isso, Nathiely chegou ao último ano do ensino médio no IFPR, ingressou como bolsista no pré-vestibular no colégio privado mais renomado da cidade e acabou por me influenciar ainda mais a ingressar na Universidade. Assim, com o incentivo dela e do meu irmão, não entrar na Universidade não foi uma opção. Meu objetivo acadêmico estava voltado a ingressar no curso de Engenharia Mecânica da Unioeste, o que me interessava era o câmpus se situar dentro do Parque Tecnológico de Itaipu. Até que minha já então namorada, Nathiely, objetivava o curso de Engenharia de Software, que era ofertado na UTFPR, no câmpus de Cornélio Procópio, a 680 km de Foz do Iguaçu, e de Dois Vizinhos, 155 km. A ideia de sair de Foz não tinha passado em minha cabeça até perceber que no câmpus de Cornélio Procópio eram ofertados os dois cursos (o dela, Engenharia de Software e o meu, Mecânica). A oportunidade de sair da cidade me conquistou tanto que, no momento em que eu faria as provas do ENEM, o foco já era entrar na UTFPR-CP. O apoio familiar eu tive, mas a falta de aulas no meu ensino médio sobre maneiras de elaborar uma redação e a escassez de algumas outras me fizeram prever a possibilidade de não alcançar a nota necessária para realizar a matrícula no curso de Engenharia Mecânica. Assim, a alternativa foi a matrícula no curso de Licenciatura em Matemática, com o objetivo da transferência para Mecânica assim que o primeiro semestre terminasse.

Meu primeiro semestre em Matemática foi uma constante adaptação, o meio universitário no Norte do Paraná era algo completamente fora do meu entendimento prévio, a necessidade do controle financeiro exigiria cada vez mais amadurecimento, a vida adulta chegando à porta, a independência de morar em outra cidade, tudo ia se encaixando no meu cotidiano, enquanto o relacionamento com a Matemática me cativava. Foi na matéria de Filosofia que tive o primeiro contato com a formação acadêmica de um professor. É muito interessante lembrar a postura do professor em relação aos alunos que pouco sabiam, enquanto as noções que aprendi na matéria de Lógica Matemática me entusiasmavam. Eu sentia que entrar em Licenciatura em Matemática, mesmo que somente por um período, não seria uma experiência descartável, o que eu não esperava era que vivenciar o curso influenciaria meu caráter.

A decisão de continuar no curso, mesmo que eu não entendesse no momento, foi tomada após um encontro com um antigo professor, em Foz do Iguaçu, durante as férias de julho, onde eu acabei

²⁰ Unioeste.

²¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná.

contando meu percurso e o professor, ao enxergar que realmente contribuiu na caminhada de um aluno, exprimi um olhar de satisfação e agradecimento. Eu, por outro lado, pude compreender a necessidade social de um professor com experiências na escolarização básica, o que me fez refletir sobre a satisfação desse educador, além de me proporcionar o interesse de permanecer no curso de Licenciatura, mesmo que o objetivo ainda fosse entrar em Mecânica.

No momento em que houve a convocação para a transferência de curso, eu já havia cursado um semestre e estava muito envolvido com o curso, portanto, decidi continuar com essa formação e após muitos desafios, provas, trabalhos, momentos de frustração e satisfação, terminei o primeiro ano de Matemática.

Assim, entre tantas influências, e pertencendo ao terceiro semestre do curso, ingressei no PIBID, onde posso desenvolver a ideia de me construir professor, o que me cativa através do sentido social que exerce sobre a população, prevalecendo o sentimento de que muitos pedagogos e professores trouxeram até mim durante minha formação básica e a esperança de um dia poder atuar, não só como professor de matemática, mas como alguém que pode despertar sonhos e interesses nos alunos a partir do ensino da matemática.

(Des)caminhos que se cruzam

Ana Paula, Carine, Luciene e Rafael cruzam-se no PIBID. Juntos estudam História Oral, realizam entrevistas, transcrições e textualizações para compreender como professores supervisores do PIBID se tornam os professores que são, compartilham suas narrativas autobiográficas de histórias de vida.

Os descaminhos levam os quatro bolsistas a se tornarem licenciandos em Matemática, do campus Cornélio Procópio, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. As circunstâncias, as frustrações, as mudanças de rota, a pontuação não atingida nos vestibulares, as famílias, as finanças fazem parte desses descaminhos.

Ana Paula, entre Economia, Psicologia e Moda, escolheu pela Licenciatura em Matemática. A concorrência do vestibular dos dois primeiros não permitiu que eles se tornassem reais para ela; Moda era o que ela queria, mas depender da sorte para sobreviver não parecia uma opção.

Carine, entre o sonho – Direito – e a aprovação no vestibular – Administração de Empresas –, procurou por algo que admirasse: a docência. Mas, também, gostar de matemática e estar próxima à universidade foram fatores que a trouxeram ao curso.

Entre tantos descaminhos – a bolsa conseguida, mas não realizada, a morte e o vestibular, a dengue e a inscrição –, veio a chamada nominal para o ingresso de Luciene no curso.

O que era para ser Engenharia Mecânica, na Unioeste, tornou-se Engenharia Mecânica, na UTFPR e, então, transformou-se em Licenciatura em Matemática. O namoro, a ideia de morar em outra cidade, a nota de corte desviaram Rafael de seu propósito inicial.

E o que os mantém no curso? A professora com suas experiências na Educação Básica, a Filosofia, a Lógica Matemática, o olhar de satisfação do professor do passado, o PIBID, o semestre finalizado, as dificuldades já vencidas, o câncer curado... são tantos os (des)caminhos!

Referências

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza de Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto G. Albuquerque. 8 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

GARNICA, A. V. M. História Oral e História da Educação Matemática: considerações sobre um método. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 1., 2011, Covilhã. **Anais...** Covilhã, 2011. p. 1-12.

ROLKOUSKI, E. **Vida de professores de matemática** – (im)possibilidades de leitura. 2006. 288 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2006.

SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. **História Oral na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.